

TABAPUÃ

A história da raça
genuinamente brasileira



RAUL MARQUES | BRUNO XAVIER

RAUL MARQUES | BRUNO XAVIER

A história da raça genuinamente brasileira

TABAPUÃ

2018

Copyright © Grupo Junqueira Rodas

Grupo Junqueira Rodas

Presidente do Conselho Familiar: Maria Teresa Junqueira Rodas

Presidente do Conselho de Gestão: Sarita Junqueira Rodas

Produção do livro

Coordenação editorial: Elaine Madalhano e Andrea Inocente

Comunic Comunicação Corporativa

www.comunic.com.br

Produção e edição: Raul Marques

Texto: Raul Marques e Bruno Xavier

Diagramação e capa: Paulo Escabin

Fotos: Sérgio Isso, Camila Prado Peres de Camargo
e arquivo da Fazenda Água Milagrosa

M357t Marques, Raul, 1980-

Tabapuã : a história da raça genuinamente brasileira / Raul Marques, Bruno Xavier. – São José do Rio Preto, SP: Ed. do Autor, 2018.

80 p. : il., fots. (algumas color). ; 20 cm.

ISBN: 978-85-922240-5-9

1. Bovinos – Tabapuã - Raças. 2. Pecuária – São Paulo (Estado) – Tabapuã. 3. Tabapuã – São Paulo (Estado) – História. 4. Escritório-pretense. I. Xavier, Bruno, 1988- II. Título.

CDD – 981.67

Bibliotecária Márcia Vieira – CRB/8 4643

DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada a Fábio Zucchi Rodas, profissional visionário, sempre à frente de seu tempo, que com muita dedicação e afincamento levou a raça Tabapuã a ter renome nacional, e a Rachel Junqueira Rodas, que foi uma das maiores entusiastas e apoiadoras da perpetuação da raça e da administração da Fazenda Água Milagrosa.

ÍNDICE



10 Fazenda Água Milagrosa

14 A origem

16 O touro Tabapuã

18 Primeiros acasalamentos

20 Segunda geração

22 Gerações subsequentes

24 Primeiras exportações



26 Padrão racial

28 Formação de plantéis

30 Consanguinidade

32 Hora de registrar

34 Cruzamentos com outras raças

37 Registro final

40 Diferenciais da raça

42 Momento de mudança





44 Carta depoimento
de Carlos Arthur Ortenblad

48 Carta depoimento
de Fábio Zucchi Rodas

50 Um novo tempo
na propriedade

62 Tabapuã volta a ser
destaque nacional



65 Grandiosa sala de troféus

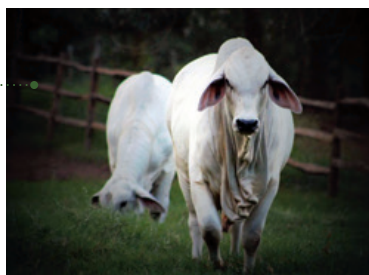
68 Prova de ganho de peso

70 Melhoramento genético

72 Uma estrela no rebanho

74 Presente e futuro

76 A história continua



PREFÁCIO

Muito me honrou ser convidado pelo Grupo Junqueira Rodas, em especial pela Sarita Junqueira Rodas, para escrever o prefácio deste livro sobre a raça Tabapuã e a Fazenda Água Milagrosa.

Se falarmos em raça Tabapuã, nos vem à mente a Fazenda Água Milagrosa. Se falarmos em Água Milagrosa, automaticamente surge a imagem da raça Tabapuã. Tanto a história da raça quanto a da fazenda estão intimamente ligadas.

Fico à vontade para falar sobre o Tabapuã. Tive o primeiro contato com os animais da raça no início da década de 1970, quando cursava faculdade de veterinária na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte (MG).

Depois, na cidade de Nanuque (MG), onde morei e trabalhei durante três anos, conheci vários criatórios de Tabapuã do sul da Bahia, norte de Minas e norte do Espírito Santo.

Mais tarde, quando ministrei aulas na Faculdade de Zootecnia de Uberaba (FAZU), em 1977, convivi com o Dr. Noel de Souza Sampaio, um grande conhecedor do zebu e entusiasta da raça Tabapuã. E, desde 1986, presto consultoria à Fazenda Água Milagrosa. Tive a oportunidade de acompanhar a evolução da raça em seu núcleo maior.

Quantos profissionais e quantas empresas tentaram ‘fazer’ uma raça e não tiveram sucesso. Podemos pensar que a raça Tabapuã foi o resultado de um golpe de sorte, mas ao estudarmos a história da raça vemos que ela é resultado de uma combinação de competência e de oportunidade.

Competência do Dr. Alberto Ortenblad, que teve sempre em sua mente a que tipo de animal ele queria chegar, deixando bem definido e claro para aqueles que prosseguiriam com o desenvolvimento da raça como deveriam ocorrer os acasalamentos.

Competência assumida pelo Carlos Arthur, que seguiu à risca o pro-

grama traçado pelo Dr. Alberto, sempre priorizando a funcionalidade do rebanho e o resultado das provas zootécnicas.

E a oportunidade da raça veio com a chegada do senhor Fábio Zucchi Rodas, um visionário que acreditou no potencial do Tabapuã, investiu, multiplicou e difundiu a raça por todo o Brasil.

Infelizmente, o senhor Fábio ficou pouco tempo entre nós, mas o Grupo Junqueira Rodas soube superar as dificuldades, inicialmente com dona Teresa e atualmente com Sarita, que ocupa a presidência do Conselho de Administração do Grupo Junqueira Rodas. Mantendo o entusiasmo com a raça, porém sempre buscando a eficiência e fazendo questão dos melhores resultados.

Para finalizar, os animais da raça Tabapuã são de porte médio, de ótima habilidade materna, férteis e de bom acabamento de carcaça, ou seja, graças ao engajamento e à seriedade das pessoas que participaram da formação e desenvolvimento da raça, hoje o Tabapuã se encontra em uma posição referência para outras raças, tanto como modelo de trabalho e seleção quanto de resultados conquistados.

Fernando Almeida de Andrade

Médico Veterinário



AGUA MI

LAGROSA

A large, white, three-dimensional sign spelling out the word "LAGROSA" in a bold, sans-serif font. The sign is positioned in the middle ground of a grassy area. Behind the sign, there are several tall palm trees and other greenery. The sky is overcast and grey. The foreground is a field of dry, brownish grass.

FAZENDA ÁGUA MILAGROSA

No final do século 19, o engenheiro dinamarquês Charles Arthur Edwin Ortenblad trabalhava na São Paulo Railways, estrada de ferro inglesa que deu origem à Fepasa. Sua função era fazer levantamentos topográficos para futuras linhas, que se expandiam rumo à região norte do Estado de São Paulo, até então pouco explorada.

Ele morava em Jaboticabal e se casou com a imigrante italiana Izabel Lerro. Da união vieram os filhos Rodolpho (nascido em 1899) e Alberto (1901). Embora bem sucedido profissionalmente, Dr. Arthur, como era conhecido, às vezes ficava três meses longe da família, sem qualquer contato.

No lombo de burros e por mata fechada, viajava a trabalho até 250 quilômetros de Jaboticabal. Foi esse distanciamento da mulher e dos filhos, ainda pequenos, que o levou a pedir as contas na empresa.

Com as economias que juntou, comprou uma pequena propriedade no Noroeste paulista, região que havia conhecido em suas viagens como engenheiro. O lugar conquistou sua simpatia pela qualidade do solo e pela água abundante, embora distante de qualquer rio. Era o vilarejo de Rancharia, que depois se tornou Tabapuã.

Dr. Arthur, então, deixou a ‘desenvolvida’ Jaboticabal, com vários recursos e infraestrutura, e mudou-se com a esposa e os dois filhos para o sertão, onde nada existia: nem casa, nem cerca, nem pasto.

Com a ajuda de vizinhos, ergueu uma casa para a família morar e um pequeno curral. Também abriu algumas áreas e plantou o básico para a sobrevivência da família e para a criação de pequenos animais.

Sem nenhum empregado, o casal e os filhos trabalhavam pesado. Os meninos acordavam de madrugada para tirar leite das vacas. Depois debulhavam milho para tratar dos porcos e das galinhas.

A educação dos filhos era prioridade na família. Ainda crianças e já alfabetizados, Rodolpho e Alberto foram levados para um colégio interno em Araraquara (SP). Mais tarde, eles se formaram em engenharia, tal como o pai, e ainda fizeram pós-graduação nos Estados Unidos.

O casal Ortenblad investiu no plantio de café. Com o sucesso do negócio e a melhor condição financeira adquirida, compraram novas terras nas redondezas. Assim, o que era uma gleba se tornou uma fazenda com mais de 1 milhão de pés de café. Nessa fase, foi de grande importância a parceria com imigrantes europeus, sobretudo italianos e espanhóis, que formaram várias colônias naquelas terras.

Tudo começou a mudar com a quebra da Bolsa de Nova Iorque (EUA), em 1929. Veio a Grande Depressão e os preços do café desabaram. Não havia interesse em colhê-lo. O Governo Federal queimava seus estoques, na tentativa de fazer os preços internacionais subirem.

Dr. Arthur e dona Izabel, com idades avançadas, ficaram sem dinheiro de uma hora para outra, a ponto de colocarem um Ford 'Bigode' (modelo T, ano 1929) em um cavalete, por não conseguirem comprar gasolina.

A monocultura cafeeira deu lugar ao plantio de seringueira, laranja e mamona, além da criação do gado Tabapuã. Alberto foi pioneiro no plantio de seringueira no Estado de São Paulo. O primeiro seringal foi formado com mudas que vieram de uma plantação cujas sementes foram trazidas da Amazônia por Marechal Rondon.

As extensas áreas de mata nativa intocadas, que assim permanecem até hoje, merecem destaque. A família Ortenblad sempre se preocupou em evitar a extinção de essências florestais nativas, como aroeira, jatobá, jequitibá, combarú, canafistula, ipês, jacarandá paulista, peroba, guapuruvú e angico. Sementes dessas espécies são fornecidas gratuitamente a prefeituras, universidades e produtores particulares.

Uma curiosidade: o nome Água Milagrosa tem relação com um poço localizado na propriedade, provavelmente de água sulfurosa, onde as pessoas se banhavam para tratamento de reumatismo.

A ORIGEM

É alvo de discussão até hoje a linhagem do bezerro que se tornou o touro Tabapuã e originou a raça de mesmo nome, a partir da década de 1940. Para contar essa curiosa história, é necessário regressar ainda mais no tempo.

Foi no final do século 19 que foram registrados no Brasil os primeiros núcleos de gado mocho, principal característica do Tabapuã. Havia rebanhos em pelo menos quatro Estados: São Paulo, Minas Gerais, Bahia e, sobretudo, Goiás.

Não existem relatos de bovinos sem chifres na Índia. É provável que esses animais sejam originários de algum país da América do Sul, África, Portugal ou China. Ou, ainda, que tenham se formado em terras brasileiras.

Como as boiadas precisavam seguir a pé pelas estradas, o animal mocho sofria por não conseguir se defender dos demais bovinos com chifres. Na chegada ao destino, normalmente magro e com escoriações pelo corpo, não chamava atenção de eventuais compradores. Dessa forma, o gado com chifres tinha maior aceitação no mercado.

A história mais conhecida do gado mocho em Goiás começa em 1903, quando Salviano Monteiro Guimarães chegou a Planaltina (GO).

Em pouco tempo, tornou-se conhecido comerciante de mercadorias e de gado. Seus funcionários percorriam o sertão comprando e vendendo todo tipo de produto. Na volta, as caravanas traziam bovinos para abate ou para cria, entre os quais alguns animais mochos.

No ano de 1906, José Gomes Louza, fazendeiro de Leopoldo de Bulhões (GO), e amigo de Salviano, comprou em Araguari (MG) seis touros zebuínos importados da Índia. Acredita-se que essa foi a primeira vez que um gado Zebu chegou a Goiás. Três dos touros foram cedidos a Salviano, que os utilizou para acasalar com todo gado sertanejo que adquiriu em seus negócios.

Percebendo as vantagens do Zebu, Salviano tratou de buscar mais ani-

mais no Triângulo Mineiro. Por lá, a fama da raça já estava consolidada. Até o governador João Pinheiro incentivava as importações do gado indiano.

Com bons resultados conquistados em Goiás, o gado mocho despertou interesse de pecuaristas de outras regiões. Júlio do Valle, da Fazenda São José dos Dourados, de Cosmorama (SP), foi um deles.

Há informação de que ele adquiriu uma boiada de Francisco Inácio entre 1938 e 1939. No rebanho, havia muitos animais mestiços. Em suas viagens para comprar gado, Júlio muitas vezes utilizou como pouso a Fazenda Água Milagrosa.

O bom relacionamento com a família Ortenblad vai produzir um fato importante.

“ FOI NO FINAL DO SÉCULO 19 QUE FORAM REGISTRADOS NO BRASIL OS PRIMEIROS NÚCLEOS DE GADO MOCHO, PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DO TABAPUÃ ”

O TOURO TABAPUÃ

O primeiro contato do engenheiro civil Alberto Ortenblad com o bezerro que viria a ser chamado de Tabapuã aconteceu na Fazenda São José dos Dourados, em Cosmorama (SP).

Alberto estava em viagem e fez parada nas terras do amigo Júlio do Valle. Naquela tarde, havia no pasto dezenas de bezerros zebus mestiços que seriam apartados. Sempre muito interessado, o engenheiro fez questão de acompanhar o serviço.

Ao final dos trabalhos, Júlio pediu que o visitante escolhesse um dos animais, como presente, pela ótima relação de amizade que ele tinha com os Ortenblad.

A descrição do bezerro indicado está no livro ‘O Môcho Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa’, escrito pelo próprio Alberto.

“Este bezerro, por nós escolhido, zebu mestiço, de filiação desconhecida, não se situava, quanto ao seu fenótipo, próximo a nenhuma das raças que, tidas como puras, iam sendo formadas na época (Gir – Nelore – Guzerá). Era um mestiço zebu intermediário entre o Nelore e o Guzerá, sem grau de sangue definido em nenhuma dessas raças.”

O animal foi levado até a Fazenda Água Milagrosa, mas não chamou a atenção em um primeiro momento. Só veio a ser observado de perto depois de vários meses, justamente pelo fato de não apresentar chifres, uma novidade no rebanho da propriedade.

Era um mocho completo, com arcadas ósseas bem salientes na região dos olhos, ótimo porte, cupim bem localizado, excelente pigmentação e cascos e focinho pretos. Pelo seu desenvolvimento, era provável que aquele garrote havia nascido entre o final de 1939 e o início de 1940.

Alberto batizou o animal, então, de Tabapuã, seguindo a tradição universal de atribuir a novos animais o nome da localidade onde surgiram. Era o ano de

1942 quando o touro foi identificado com a marca T-0. Logo em seguida, foi organizado um fichário, onde os dados de todos os descendentes seriam anotados.

Também fizeram algum tipo de seleção com animais mochos e merecem ser citados os pecuaristas Lourival Lousa, de Goiás; Omar Cunha, de Presidente Prudente (SP); e a família Castilho, de Novo Horizonte (SP). Ainda havia de núcleos de bovinos mochos em outros municípios paulistas, como São Carlos, Nova Odessa e Pitangueiras.

No entanto, o que diferenciou a criação de Alberto e Rodolpho Ortenblad dos demais pecuaristas de gado mocho Brasil afora foi o planejamento zootécnico, o cuidado em cada acasalamento e o registro em detalhes da evolução do plantel.

Todas as ocorrências, de todos os animais, eram anotadas, elaborando assim importantes comparativos de caráter funcional e econômico.

Além de pioneiro da raça Tabapuã, Alberto era um visionário do campo. Profissional de engenharia muito bem formado nos bancos da Universidade de Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachussetts, nos Estados Unidos, era inquieto e sentia-se desafiado a melhorar as condições de trabalho à sua volta.

Algumas de suas façanhas: industrializou o lixo da própria fazenda, transformando desperdícios em fertilizantes, e foi um dos primeiros a implantar a irrigação de lavoura no Brasil.



PRIMEIROS ACASALAMENTOS

Com um touro completo no pasto e o sonho de começar um novo plantel, Alberto e Rodolpho Ortenblad tinham um desafio pela frente: como formar descendentes mochas sem matrizes com essa característica? A solução encontrada foi buscar fêmeas chifrudas, mas de fenótipo parecido com o reprodutor.

Foram selecionadas cerca de cem matrizes, Guzerá e Nelore, com algumas qualidades em comum: mansidão, habilidade maternal e boa produtividade de carne. Esse gado teria vindo principalmente do Rio de Janeiro, de negócios de Alberto com o famoso pecuarista João de Abreu.

Duas questões eram fundamentais para o sucesso do projeto: o grau de sobredominância genética do touro Tabapuã e a sistemática a ser seguida.

Ouvindo conselho do amigo e uma espécie de consultor técnico Miguel Cione Pardi, cientista e estudioso da pecuária brasileira, Alberto adotou o sistema de descendência paternal continuada (*in-and-in-breeding*), por julgá-lo superior à descendência fraternal ou colateral.

Seriam feitos, então, acasalamentos sucessivos paternos, de filhas e de netas, com o próprio pai e o avô, sempre em curral.

Por melhores que fossem, não havia neste processo utilidade para os machos da primeira geração. Assim eles eram castrados e vendidos para corte, sem sequer serem marcados a fogo. As exceções foram dois filhos de Tabapuã doados a Júlio do Valle.

As fêmeas da primeira geração eram uniformes e bem desenvolvidas. A maioria herdou a característica mocha do pai. Em 1946, o touro Tabapuã havia produzido 89 filhos e filhas, dos quais 80 eram mochos e apenas nove apresentavam chifres. Esses números garantiram ao reprodutor a classificação de ‘raçador clássico’.

O geneticista José da Costa Guerra explica a expressão no livro ‘Um problema de genética animal’:

“A constância de predomínio de um pai caracteriza o bom reprodutor, porque revela a presença de certo grau de potência hereditária individual. Se este predomínio adquire um alto grau, permitindo ao indivíduo transmitir seus caracteres através de várias gerações, com persistência relativa das outras fontes hereditárias, o indivíduo adquire, então, os relevos do ‘raçador clássico’ ou do ‘grande raçador’”.

Os primeiros resultados foram animadores.



Vaca mocha da primeira geração, com filho/neto de Tabapuã

“ DUAS QUESTÕES ERAM FUNDAMENTAIS PARA O SUCESSO DO PROJETO: O GRAU DE SOBREDOMINÂNCIA GENÉTICA DO TOURO TABAPUÃ E A SISTEMÁTICA A SER SEGUIDA ”

SEGUNDA GERAÇÃO

A segunda geração da raça Tabapuã é formada por vacas que cruzaram com o touro Tabapuã T-O.

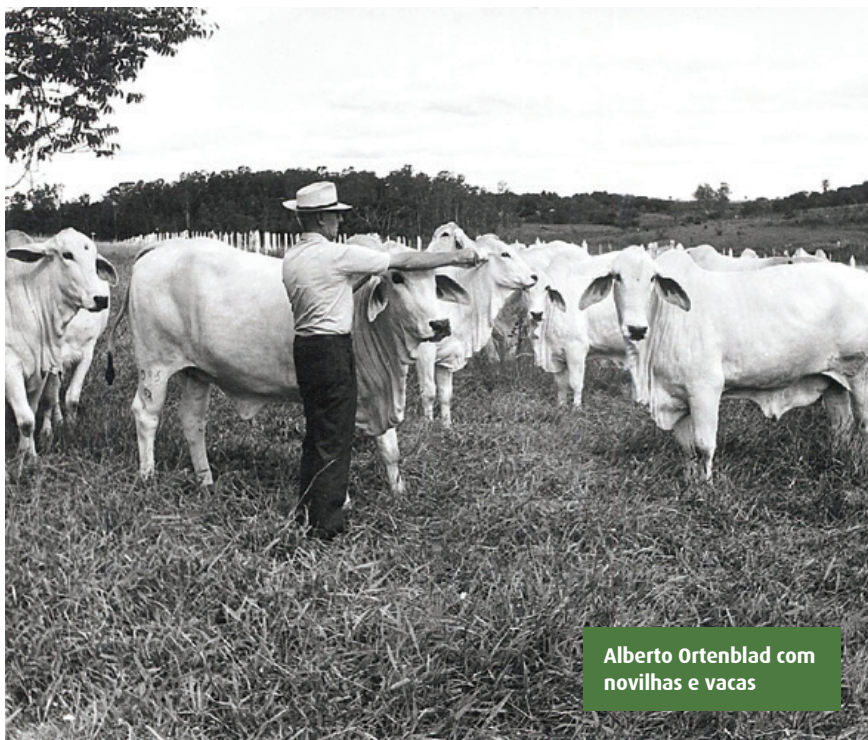
Tanto a primeira como a segunda não se distinguiram quanto ao desenvolvimento e conformação. A principal diferença notada à época foi uma melhor formação da cabeça, nos animais da segunda geração.

Com o nascimento dos filhos-netos, foi iniciada uma seleção dos melhores touros jovens, uma vez que, dado o elevado número de fêmeas do plantel, era impossível o touro T-0 atender a todas.

Para essa etapa havia uma grande preocupação com a manutenção dos efeitos de consanguinidade. Para não colocar a linhagem em risco, foram formadas famílias distintas, com os filhos recebendo a marca da letra inicial do touro reprodutor.

Os descendentes do touro Diamante foram marcados com a letra D, enquanto que os filhos de Besouro carregavam no couro a marcação B. Os novos animais não tiveram qualquer perda das principais características.

De todos os filhos-netos escolhidos para entrar no plantel, o maior destaque era o touro Horizonte T-135, filho de Tabapuã T-0 e de sua primeira e melhor filha, Copa T-1. Utilizado de forma intensa nos cruzamentos, Horizonte teve grande influência na formação e melhoramento da raça.



Alberto Ortenblad com
novilhas e vacas

“ DE TODOS OS FILHOS-NETOS ESCOLHIDOS
PARA ENTRAR NO PLANTEL, O MAIOR
DESTAQUE ERA O TOURO HORIZONTE T-135 ”

GERAÇÕES SUBSEQUENTES

Foram necessários 15 anos para que a família Ortenblad tivesse certeza de que o trabalho de seleção de uma nova raça estava consolidado. O projeto, iniciado no final de 1942 com os primeiros acasalamentos do touro Tabapuã, apresentava resultados incontestáveis quando os filhos de Horizonte alcançaram a fase adulta, em 1957.

No meio desse processo, Alberto e seu irmão Rodolpho tiveram que enfrentar o luto pela perda da mãe, dona Izabel, vítima de um acidente de avião em 1950. Anos mais tarde, em homenagem, uma escola estadual de Novais, município vizinho a Tabapuã, receberia o nome de Izabel Lerro Ortenblad.

Em 1954, ocorreu a divisão da propriedade e do gado da família.

A Fazenda Água Milagrosa ficou para Alberto, enquanto que Rodolpho se tornou proprietário da Fazenda Santa Cecília, em Uchoa (SP). O reprodutor Horizonte ficou com Alberto.

Mesmo com a certeza de que tinham criado uma nova raça, os irmãos deram sequência ao trabalho de seleção e de aperfeiçoamento do plantel. Os casos recessivos eram cada vez mais raros, e a pelagem dos bovinos ganhava um tom mais claro, conquistando a uniformidade desejada pelos donos.

Apesar de todas as qualidades, o Tabapuã ainda não tinha valor no mercado, a não ser para corte, e nem podia participar de exposições ou provas de ganho de peso. Isso porque faltava um padrão racial reconhecido pelos órgãos reguladores.

Foi então que os Ortenblad traçaram como meta o reconhecimento oficial da raça, primeiro junto à Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, e depois pelo Departamento da Produção Animal do Ministério da Agricultura.



Vacas da terceira geração em preparação para uma exposição. Mocho Tabapuã, no final da década de 1950, começou a despertar interesse

“ MESMO COM A CERTEZA DE QUE TINHAM CRIADO UMA NOVA RAÇA, OS IRMÃOS DERAM SEQUÊNCIA AO TRABALHO DE SELEÇÃO E DE APERFEIÇOAMENTO DO PLANTEL ”

PRIMEIRAS EXPORTAÇÕES

Sem valor no mercado nacional, a primeira grande venda do gado Tabapuã foi para um criador argentino, em 1959. Seu nome era Alfredo Duisberg, proprietário da Estância Barmenia, de Cachaqui, Província de Santa Fé. Ele havia visitado a Fazenda Água Milagrosa e ficou encantado com as qualidades dos animais.

Dois anos depois, em 1961, uma segunda exportação para a Argentina mereceu atenção do Departamento da Produção Animal do Ministério da Agricultura, que já tinha informações sobre o brilhante trabalho de seleção feito em Tabapuã.

Através de despacho, a entidade demonstrou preocupação com um possível desfalque de fêmeas, caso aquela segunda exportação fosse autorizada:

“Ministério da Agricultura – Sr. Diretor:

- O criador Alberto Ortenblad, fazendeiro em Tabapuan, Estado de São Paulo, requer licença de exportação para a república Argentina, de 28 bovinos ‘Nelore’ môchos. Desse total, são 20 fêmeas, de 2 a 3 anos, e 7 machos, de 2 a 3 anos e 1 de 5 anos.

- A Portaria nº 775, de 19/07/1957, determina que a exportação será permitida desde que não seja inconveniente ao interesse nacional. O gado môcho de criação do Dr. Ortenblad, incontestavelmente, apresenta qualidade que o faz sobressair entre os bovinos produtores de carne. Há necessidade de ampliação do seu criatório e desenvolvimento nos meios produtores dos novilhos de corte. Muito pequeno é ainda o número de animais produzido pela Fazenda Água Milagrosa pelo que é ainda incipiente a sua criação no nosso país.

- Esta Seção vê com pesar que um lote de 20 fêmeas procura o caminho do estrangeiro, reduzindo o pequeno plantel nacional. Submetendo à vossa

consideração e em vista de estar sendo estudada a reformulação da Portaria nº 775 já citada, opinaríamos que fosse concedida unicamente a permissão para exportação dos machos e estudada a possibilidade de aquisição, por parte deste Ministério, das 20 fêmeas que se quer exportar.

Seleção do Fomento, em 30 de outubro de 1961.

J.N.B. Zany – Chefe da S. Fomento.”

Apesar dos apontamentos do despacho, a exportação foi liberada em dezembro daquele mesmo ano. Ainda sobre o documento, é curioso observar que os animais são classificados como “Nelores mochos”, justamente pela inexistência, à época, de um reconhecimento oficial da raça Tabapuã.

Com bom desenvolvimento em terras argentinas, ficou comprovado que o Tabapuã é o zebuíno que melhor se adapta ao frio.

“ A PRIMEIRA GRANDE VENDA DO GADO
TABAPUÃ FOI PARA UM CRIADOR
ARGENTINO, EM 1959 ”

PADRÃO RACIAL

Desde o início do projeto de seleção da raça Tabapuã, a Fazenda Água Milagrosa passou a atrair muitos visitantes. Geralmente eram criadores e técnicos, que se deslocavam ao local para conhecer os mochos zebus. Com o passar dos anos, a fama dos animais aumentou, assim como o número de curiosos.

Um desses visitantes foi o senhor João Nelson Frota Junior, do Rio de Janeiro. Admirador da pecuária, ele editava e distribuía gratuitamente um folheto mensal chamado “Chapéu de Couro”, onde divulgava qualquer tema que julgava ser interessante entre os criadores.

João Nelson ficou tão entusiasmado com o que viu que prometeu voltar com um amigo. Era ninguém menos que João Barisson Villares, então Diretor do Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Dessa casualidade, então em 1958, os irmãos Ortenblad passaram a manter contato com Barisson Villares. E este foi um importantíssimo aliado na tomada de medidas oficiais que levaram à constituição de um padrão racial, dentro do Estado de São Paulo, reconhecido pela Secretaria da Agricultura e definitivamente fixado em expediente oficial no ano de 1961.

A gratidão dos Ortenblad aos esforços de Barisson Villares foi registrada no livro ‘O Môcho Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa’: “Devemos nós e deve o País ao Dr. Barisson Villares o amparo, a orientação e o reconhecimento como raça da estirpe então conhecida como Tabapuan, criada na Fazenda Água Milagrosa, no município de Tabapuã, SP”.

Foi de Barisson Villares também que partiu o convite para que os bovinos Tabapuã participassem da primeira exposição de sua história. O evento ocorreu no bairro nobre da Água Branca, na capital paulista, em março de 1959.

O objetivo era divulgar a nova raça e discutir as vantagens do gado mocho. O cientista Alfonso Túndisi ajudou na escolha dos 22 animais adultos

que foram levados para essa exposição. Os machos e as fêmeas que foram selecionados ilustravam aspectos históricos e a evolução genética do Tabapuã.

Nos anos seguintes até 1971, a Fazenda Água Milagrosa participou de exposições e de provas de ganho de peso em São Paulo, Araçatuba, Bauru, Presidente Prudente, Barretos, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Andradina.

Ainda sem o reconhecimento oficial da raça, os animais eram inscritos sob a denominação genérica de “Zebu Mocho”.

Foram vários os títulos conquistados, especialmente com os touros Estiloso (T-308), Crepúsculo (T-310), Sultão (T-402), Labirinto (T-421) e Babaçu (T-1185).

Outros dois campeões merecem ainda mais destaque: Galante (T-410), que mais tarde foi exportado para a Argentina, e Baile (T-1210), que em 1971 recebeu o Registro Genealógico nº 1 da raça Tabapuã, concedido pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ).



Estiloso foi genearca importante da 3º para 4º gerações. É pai de Baile, que recebeu o Registro Genealógico nº 1 da raça Tabapuã

FORMAÇÃO DE PLANTÉIS

A implantação daquele simples fichário, no final do ano de 1942, teve enorme importância nas décadas seguintes, quando se formaram diversos plantéis de gado Tabapuã na Fazenda Água Milagrosa.

Os registros, com informações funcionais e econômicas de cada animal, ajudaram na escolha de touros e fêmeas para acasalamento.

Como em todo rebanho, havia na propriedade um gado ‘de cabeceira’, ‘do meio’ e ‘do fundo’, em uma simples escala de valores.

Muitos cruzamentos tinham o objetivo de corrigir defeitos, como animais de pelagem mais escura, com ancas inclinadas além do normal ou aprumos com desvios.

Aqueles que apresentavam algum tipo de imperfeição eram chamados de refugos. Havia ainda os descartes, que deveriam ser eliminados por questões como idade avançada ou comprovado defeito de reprodução.

As avaliações criteriosas evitaram o sacrifício de animais de elite. Bovinos considerados bons, mas que apresentavam alguma característica não desejável, eram acasalados com outros que não iriam agravar o problema, ou até corrigi-lo.

Sobre a formação de plantéis, Alberto escreveu no livro ‘O Môcho Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa’.

“Não basta, portanto, conhecer-se o gado somente sob o ponto de vista fenótipo, cuja influência na formação anual dos diversos plantéis tem um peso relativo. É necessário conhecer-se, de certa forma, o seu genótipo. Para isto, o registro da performance nas fichas de cada animal é de indiscutível importância. Não se conclui, desta exposição, que o objetivo único seja o de uniformização do rebanho, o que seria, até certo ponto, racional. Nem se tem em mente acasalar-se extremos inferiores com superiores para situ-

ar-se, comodamente, na média. Objetiva-se a formação, cada vez maior, de uma elite, contanto que esta não se desassocie acentuadamente da média.”

A Fazenda Água Milagrosa mantém até hoje, em uma sala climatizada e adequada, os registros de todos os animais. O acervo é importante e serve até como base para pesquisas, tanto de criadores como de entidades de classe. A aplicação de Alberto no cuidado com as informações foi fundamental no processo de reconhecimento.

O colaborador Jesus Perpétuo Serafim de Souza, que trabalha na propriedade desde 1986, afirma que Alberto tinha o costume de anotar todas as informações de cada animal, como nome, filiação, peso e data de nascimento. Mas não é só isso. “A gente tinha de mostrar para ele todos os bezerros que nasciam.”

Segundo Nelson Rodrigues, era comum Alberto ficar horas seguidas na frente da cocheira para observar o comportamento dos touros e das vacas. “Era organizado e sabia a história de cada um. Isso fez diferença para o sucesso da raça”, lembra o colaborador, que começou como tratorista e atua com gado há três décadas.



Acervo antigo do gado Tabapuã é mantido até hoje na fazenda

CONSANGUINIDADE

Formada até sua terceira geração a partir de um único reprodutor, o touro T-0, não há como negar a consanguinidade da raça Tabapuã.

Mesmo com os primeiros acasalamentos realizados entre raças diferentes, já que T-0 apresentava-se como um Tabapuã ‘pronto’, e as fêmeas eram Guzerá e Nelore, foi notável a sobredominância do reprodutor.

Com os primeiros cruzamentos com filhas e netas, outra falha que poderia ter ocorrido seria o comprometimento das funções reprodutivas. Porém, elas sempre se mantiveram com taxas bastante elevadas, contrapondo mais uma vez a ciência.

Sobre a consanguinidade, o professor Octávio Domingues escreveu, no livro ‘O Zebu – Sua Reprodução e Multiplicação Dirigida’:

“A consanguinidade assim é uma fatalidade no melhoramento dentro da mesma raça. Em face de um animal excepcional, não há como deixar de fazer consanguinidade. Isto é, não há como deixar de reproduzi-lo com seus parentes bem próximos, visto que somente assim estará sendo multiplicado aquele genótipo considerado superior.”

Com total controle zootécnico, Alberto aumentou seus conhecimentos genéticos a cada nova geração da raça Tabapuã. O principal interesse eram as características dos animais, suas medidas e qualidades, mas o fator genético também encantava.

O trabalho de melhoramento do rebanho era contínuo, mesmo com os recentes avanços no sentido do reconhecimento oficial da raça.

Não bastava o plantel crescer de maneira uniforme. Os proprietários se preocupavam e tentavam corrigir cada detalhe, cada variação da pelagem ou outro tipo de defeito, apesar destes se tornarem cada vez mais raros.

“ COM TOTAL CONTROLE ZOTÉCNICO,
ALBERTO AUMENTOU SEUS
CONHECIMENTOS GENÉTICOS A CADA
NOVA GERAÇÃO DA RAÇA TABAPUÃ ”

HORA DE REGISTRAR

O ano de 1961 é emblemático.

A Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo autorizou o início do Registro Genealógico da raça Tabapuã. Uma comissão formada por três técnicos foi nomeada para conduzir os importantes trabalhos. Alfonso Túndisi, Brasiliano Candido Alves e Salvador Berardinelli integraram a equipe.

Na primeira etapa, foram registradas mais de 100 matrizes. Eram fêmeas que preenchiam todos os requisitos do recém-estabelecido padrão racial, consideradas ideais para a continuidade dos estudos.

Sob a orientação de João Barisson Villares, os técnicos determinaram que o símbolo a ser marcado a fogo para representar o registro fosse a letra “K”. E a identificação assim foi feita na própria Fazenda Água Milagrosa.

Em uma demonstração de desprendimento e de espírito científico, os irmãos Ortenblad pediram, através de requerimento dirigido ao Departamento da Produção Animal, que também fossem registrados bovinos de outros criadores, com características similares ao gado por eles selecionado.

Começava a se formar um valioso arquivo na Secretaria da Agricultura. Esses documentos seriam mantidos pelo Departamento da Produção Animal até 1971, quando o gado passaria a ser registrado pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), com sede em Uberaba-MG.



Governador Carvalho Pinto e membros do Governo de São Paulo em visita ao Mocho Tabapuã, na década de 1960



Comissão nomeada pelo Ministério da Agricultura, representantes da ABCZ, técnicos e criadores. Eles se reuniram na Fazenda Água Milagrosa para iniciar o registro oficial do Mocho Tabapuã





Tabapuã é uma raça
muito versátil

CRUZAMENTOS COM OUTRAS RAÇAS

Muitos criadores adquiriram touros da raça Tabapuã. Além de formar novos núcleos, eles queriam melhorar os rebanhos de outras raças. Estavam interessados, sobretudo, em uma maior produção de carne para a pecuária de corte.

Características dos animais dos irmãos Ortenblad, como a extrema docilidade (facilitando o manejo), a precocidade sexual e a habilidade materna eram desejadas por qualquer criador.

A essa altura, a Fazenda Água Milagrosa já era referência nacional na produção.

Há registros também de ótimos resultados obtidos do cruzamento do Tabapuã com outras raças zebuínas, como a Nelore, Indubrasil, Guzerá e Sindi. Essa prática também ganhou força no Sul do país, onde os animais da Fazenda Água Milagrosa foram cruzados com bovinos de origem europeia.

A criação era acompanhada de perto pelo estudioso Miguel Cione Pardi, e chamava atenção pela qualidade dos animais.

No entanto, foi só nos anos 1980 que outros criadores repetiram o feito. Mais uma vez, ficou comprovada a versatilidade do gado Tabapuã.

“ CARACTERÍSTICAS DOS ANIMAIS, COMO A EXTREMA DOCILIDADE, A PRECOCIDADE SEXUAL E A HABILIDADE MATERNA, ERAM DESEJADAS POR QUALQUER CRIADOR ”

REGISTRO FINAL

Com o reconhecimento dentro do Estado de São Paulo e o crescimento de núcleos de gado Mocho Tabapuã em outras regiões, os irmãos Ortenblad mais uma vez juntaram forças e representaram todos os criadores com o objetivo de oficializar a raça nacionalmente.

Era uma missão difícil, que demandava uma série de reivindicações para atender todas as exigências da legislação em vigor. Um dos marcos deste processo foi a constituição, em 14 de outubro de 1969, da Associação Brasileira dos Criadores do Mocho Tabapuã, com sede no Rio de Janeiro. A entidade recebeu a inscrição número 8 no Cadastro das Associações do Registro Genealógico.

O então ministro da Agricultura, Luiz Fernando de Cirne Lima, e seu secretário geral, Erzelino Arteche, ambos do Rio Grande do Sul, aceitaram o pedido de estudo do Mocho Tabapuã com grande interesse.

Eles determinaram uma pesquisa completa ao então Diretor do Departamento da Produção Animal, Raimundo Cardoso Nogueira. O início dos trabalhos foi autorizado pelo Ministério da Agricultura através da portaria nº 28, de 25 de novembro de 1969:

“RESOLVE designar uma Comissão composta dos Técnicos do Ministério da Agricultura, ULISSES CANSANÇÃO ACIOLI FILHO, Engenheiro Agrônomo 21.B, HILTON TELES MENEZES, Veterinário 22.C, MÁRIO SANTIAGO, Engenheiro Agrônomo 22.C e os Diretores dos Serviços de Registro Genealógico da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – A.B.C.Z. – DALÔR TEODORO DE ANDRADE, MÁRIO CRUVINEL BORGES e ANTONIO MARMO MACHADO BORGES, para sob a presidência do primeiro, proceder “in loco”, um acurado estudo zootécnico sobre o Mochô Tabapuã, visando a possibilidade da abertura do Livro de Registro Genealógico da Raça ou tipo Tabapuã, a ser definido segundo os resultados dos estudos a se realizar, devendo a referida Comissão apresentar circunstanciado e conclusivo relatório sobre a matéria.”

Tal comissão apresentou, em 25 de janeiro de 1970, parecer favorável ao estabelecimento de um padrão racial próprio a ser levado em consideração, exame e decisão do Conselho Técnico da ABCZ, para posterior homologação pelo Ministério da Agricultura.

Outros pedidos em defesa dos interesses dos criadores de Tabapuã também foram encaminhados ao Ministério da Agricultura naquela época, entre eles: equiparação com as demais raças zebuínas sob controle da ABCZ, realização de registros genealógicos em todo o território nacional e reconhecimento definitivo da raça.

Vencidos os trâmites burocráticos, diretores do Ministério da Agricultura, da ABCZ e diversos técnicos da pecuária brasileira se encontraram na Fazenda Água Milagrosa no dia 1º de fevereiro de 1971, para presenciar o primeiro registro oficial. Foi escolhido o touro Baile de Tabapuã (T-1210), um dos mais imponentes reprodutores, quatro vezes campeão nacional, então com 48 meses e 1.040 quilos.

O registro foi feito em Livro Aberto, e iniciava-se ali uma contagem de 10 anos, quando novas decisões deveriam ser tomadas. Assim, somente em



1981, o Ministério da Agricultura formou uma nova comissão, que finalmente propôs o reconhecimento oficial da nova raça, denominada simplesmente Tabapuã, e não mais Mocho de Tabapuã ou Zebu Mocho.



Primeiro animal da raça Tabapuã registrado oficialmente. Baile de Tabapuã, da Água Milagrosa, foi marcado com o número 1 por Raimundo Cardoso Nogueira, diretor geral do Departamento da Produção Animal



Comissão com Ilhada de Tabapuã, a primeira fêmea da raça a ser registrada

DIFERENCIAIS DA RAÇA

O planejamento de seleção de bovinos feito pela Fazenda Água Milagrosa é considerado uma das maiores conquistas da zootecnia brasileira. O Tabapuã desperta interesse, entre outros motivos, pela consistência da sua evolução.

Existem diversas vantagens do gado mocho que surgiu na Fazenda Água Milagrosa em relação a outras raças criadas no país.

Fertilidade e habilidade materna, por exemplo, são questões importantes.

Com pouca idade no primeiro parto, as matrizes apresentam alto índice de fertilidade, e a habilidade materna garante bom desenvolvimento aos bezerros. A fertilidade do Tabapuã é acima de 80%.

As matrizes também apresentam boa produção de leite, característica que faz com queos bezerros tenham desempenho superior a outros zebuínos da mesma idade. Aos 120 dias, eles chegam a 118 kg, em média, e na desmama já estão com 200 kg.

A idade precoce do primeiro parto e o curto intervalo entre as gestações seguintes são as bases do índice de natalidade. Nesse quesito, o Tabapuã comprova seu valor todos os anos nas feiras e exposições em que participa.

Outro item relevante é a facilidade de manejo. A mansidão é uma das características mais prezadas pelos criadores. Sem chifres, a raça é dócil e, por isso, não se estressa ou perde peso durante vacinações, pesagens e transporte.

O Tabapuã é bastante dócil e lida melhor com a alimentação no cocho. Assim, aceita melhor o confinamento. Essas características de comportamento resumem um gado ideal, que dá menos trabalho e mais resultado para o pecuarista.

No quesito precocidade, os animais são campeões de peso já aos 205

dias de vida e mantém essa vantagem ao longo do seu desenvolvimento. Em média, os bois chegam à fase de abate aos 30 meses. Seja no pasto ou em confinamento, eles têm bom ganho de peso e demonstram acabamento de carcaça exemplar.

Por fim, a genética do Tabapuã provou ser capaz de eliminar defeitos e consolidar qualidades. Dessa forma, tem aumentado bastante a procura de criadores de outras raças por touros Tabapuã e também lotes de sêmen.

Seja em gado de leite ou de corte, os acasalamentos resultam em animais mais fortes, dóceis e com melhor desempenho.



A mansidão é uma das características mais marcantes do gado Tabapuã

MOMENTO DE MUDANÇA

A morte de Alberto Ortenblad, em 1994, abalou os familiares, os amigos e os colaboradores, alguns com mais de 20 anos de casa. Mesmo com a irreparável perda, o pioneiro trabalho desenvolvimento em Tabapuã não foi encerrado.

O legado de Alberto foi levado à frente com determinação e garra, sobretudo com a contribuição de seu filho Carlos Arthur Ortenblad, que havia assumido a administração da Fazenda Água Milagrosa muitos anos antes.

Uma década depois da morte de Alberto, não havia familiar interessado em administrar a propriedade e manter o que foi construído em prol do agronegócio e da pecuária brasileira. Carlos Arthur contabilizava três décadas de contribuição.

Com inteligência, a emoção foi deixada em segundo plano nesse processo. A principal preocupação dos Ortenblad: encontrar um comprador, não só que reunisse condição financeira, mas que mantivesse as características originais e investisse no melhoramento da raça Tabapuã.

A proposta era vender a fazenda inteira, com a ‘porteira fechada’. A separação em partes até poderia ser mais rentável, mas dificilmente as atividades tradicionais seriam sustentadas.

“Quem viesse a comprar precisaria comungar com nosso entendimento de que somos apenas donos circunstanciais da terra e que nossa função, além de realizar lucro, é de contribuir para o progresso do Brasil”, escreveu Carlos Arthur em um artigo publicado na revista Melhor, em abril de 2005.

Para levar a adiante a ideia inicial, conversaram com fazendeiros, ouviram propostas e receberam a visita de interessados.

Até que surgiu na história Fábio Zucchi Rodas, um dos maiores e mais respeitados protagonistas do agronegócio brasileiro, que havia decidido di-

versificar suas atividades. Eles se aproximaram com a intercessão de Pedro Moreira Salles – amigo de Fábio e primo de Carlos Arthur.

A negociação caminhou no seu tempo, sem pressa, sem atropelo, sem queimar etapas, durante nada menos que oito meses. O diálogo entre as partes ocorreu praticamente de forma diária.

Quando a família Ortenblad se decidiu pelo negócio, foi oferecido um almoço na sede para Fábio e para sua esposa, Maria Teresa. A negociação se concluiu oficialmente, dias depois, na casa dos Junqueira Rodas, em Monte Azul Paulista.

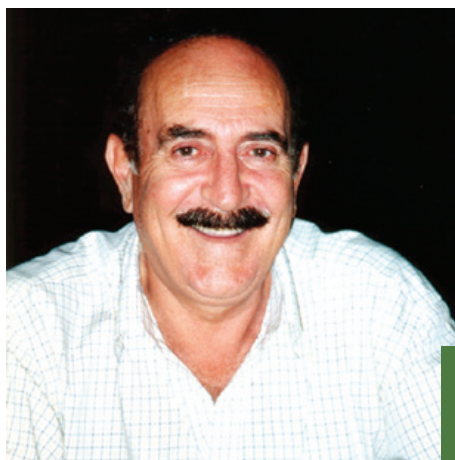
“A Fazenda Água Milagrosa era famosa e reconhecida. A gente não tinha dinheiro para pagar à vista. Financiou a compra porque acreditava em seu potencial. O Fábio não entendia de genética, mas aceitou o desafio”, lembra Maria Teresa.

Carlos Arthur, portanto, encontrou a pessoa que procurava.

“Nosso maior objetivo é preservar e expandir a raça Tabapuã. Por isso, entendemos que ela é uma raça aberta para o Brasil, reconhecida por sua qualidade”, declarou Fábio para a revista Cultivar, em 22 de março de 2006.

Ele era presidente do Grupo Junqueira Rodas, com origem em Monte Azul Paulista (SP), e se empolgou com o que encontrou na propriedade, com suas variadas possibilidades. Não havia apenas a criação de gado.

A chegada de Fábio Zucchi Rodas inaugurou um novo, dourado e produtivo período na história da fazenda.



Fábio Zucchi Rodas
é fundador do Grupo
Junqueira Rodas

CARTA DEPOIMENTO DE CARLOS ARTHUR ORTENBLAD

Durante mais de cem anos, minha família foi detentora da Fazenda Água Milagrosa. Meu avô Charles Arthur Ortenblad, e principalmente meu pai, Alberto Ortenblad, MA, Sc.D., a fizeram nacional e internacionalmente conhecida. Eu, Carlos Arthur Ortenblad, procurei nestes últimos 33 anos, nem sempre com sucesso, seguir seus passos e honrar sua memória.

Já no outono de minha vida, pensar na sucessão era inevitável. Em janeiro de 2004, eu e meus irmãos – tendo como objetivo principal a preservação das tradições da Água Milagrosa – estudamos todas as possibilidades e chegamos à conclusão de que, na inexistência de sucessão viável, melhoria seria vendê-la como um bloco, do que desfigurá-la, mesmo que esta segunda opção pudesse ser mais rentável.

Começamos então a procurar um candidato que se enquadrasse no perfil desejado. Nesse perfil, a disponibilidade de capital para adquirir a Água Milagrosa era um fator necessário, porém não suficiente. Quem viesse a comprá-la, precisaria comungar com nosso entendimento de que somos apenas donos circunstanciais da terra e que nossa função, além de realizar lucro, é de contribuir para o progresso do Brasil.

Quem viesse a nos suceder precisaria, portanto, ser pessoa comprometida com a geração de empresa e do bem estar social; com o respeito ao meio ambiente; com o respeito à função social da terra; com o respeito a contratos e parcerias; e, não menos importante, que preservasse a obra maior de nosso pai: a raça Tabapuã.

Encontramos estes predicados, não apenas na pessoa, como também na família de Fábio Zucchi Rodas, presidente da Montecritrus, um dos maiores e mais respeitados protagonistas do agronegócio bra-

sileiro. Se é com indisfarçável tristeza que encerro esta frase de minha fase de minha vida, cabe-me também a certeza de que não poderia ter sonhado com melhor sucessor.

Para que a transposição transcorra suavemente, permanecerei mais algum tempo assessorando o Fábio e estarei sempre à disposição de todos aqueles que, ao longo destas três décadas, me distinguiram e honram com sua amizade, confiança e respeito.

Passo agora a palavra ao sr. Fábio Zucchi Rodas.

“ A DISPONIBILIDADE DE CAPITAL PARA
ADQUIRIR A ÁGUA MILAGROSA ERA UM FATOR
NECESSÁRIO, PORÉM NÃO SUFICIENTE.
QUEM VIESSE A COMPRÁ-LA, PRECISARIA
COMUNGAR COM NOSSO ENTENDIMENTO DE
QUE SOMOS APENAS DONOS CIRCUNSTANCIAIS
DA TERRA E QUE NOSSA FUNÇÃO, ALÉM DE
REALIZAR LUCRO, É DE CONTRIBUIR PARA O
PROGRESSO DO BRASIL ”





Sede da Fazenda
Água Milagrosa,
em Tabapuã

CARTA DEPOIMENTO DE FÁBIO ZUCCHI RODAS

Muito obrigado, Carlos Arthur, muito obrigado pelo legado que ora nos é transferido por você e sua família, dona Hero, senhora sua mãe, Maria Elisa, sua irmã, e Betinho, seu irmão. A incumbência que nos é confiada, não é apenas a de gestores de uma fazenda, e sim, gestores de 'A Fazenda'. Não apenas a incumbência de gerirmos uma empresa agrícola, e sim, algo como um patrimônio nacional, que é a Fazenda Água Milagrosa.

Tarefa muito difícil e desafiadora esta de suceder pessoas como Charles Arthur Ortenblad, senhor seu avô, o magnífico e brilhante doutor Alberto Ortenblad, senhor seu pai, e você, Carlos Arthur, a quem dedicamos nosso mais profundo respeito por sua inteligência, preparo, organização, cultura e competência, predicados estes que lhe são peculiares.

Já éramos amigos, Carlos Arthur, e nos tornamos muito mais. Foram quase oito meses de contatos, pessoalmente e por e-mail. Nós nos falamos quase todos os dias, período que nos permitiu sentir nosso relacionamento norteado pelo mais profundo e mútuo respeito. Aprendemos dia após dia respeitá-lo mais e mais. Caráter, seriedade, educação e respeito para com o próximo são partes integrantes de sua personalidade.

Theodoro Rodas, nosso pai cristão e espiritualista, nos ensinou: não somos os donos de nada, somos meros mandatários, com o dever apenas temporário de administrar, procurando fazê-lo da mais maneira mais nobre e social possível. Identicamente e de maneira social, nobre e humana, é como vemos esta responsabilidade, por nós agora assumida.

Pensamentos foram muitos nestes quase oito meses, às vezes, e até com certa frequência, em companhia de nosso bom conselheiro, o travesseiro. Dúvidas, tivemos, porém, nunca fraquejamos. Confiamos sobremaneira na sempre vencedora combinação: trabalho, dedicação e constância. Cremos

e contamos com a ajuda de Deus para cumprirmos com a missão que a família Ortenblad nos confere e orgulhosamente aceitamos.

Sabendo que nossa permanência neste mundo é temporária, solicitamos a participação e o comprometimento de continuidade à nossa família, no que, prontamente, fomos atendidos.

Maria Teresa, minha mulher, é Junqueira, família descendente de fazendeiros por inúmeras gerações, conhecendo, portanto, as coisas do campo até mais que nós mesmos. Nossas filhas, Rachel, Renata e Sarita, são filhas e netas de sitiantes e fazendeiros.

Tudo que foi construído pela família Ortenblad será preservado. A raça Tabapuã receberá a máxima e especial atenção, contando inclusive com assessoria do Carlos Arthur, que nos ajudará a caminhar rumo à melhor eficiência, usando de sua competência e profundo como conhecimento dessa excepcional raça.

Dona Hero, Carlos Arthur, Maria Elisa e Betinho continuem fazendo da Água Milagrosa a vossa segunda casa. Nos prometam. Seremos sempre orgulhosos em tê-los com nossa família, na casa de vossa Fazenda Água Milagrosa e em nossa casa em Monte Azul Paulista. Novamente, nosso muito obrigado a vocês.

As duas cartas, de Carlos Arthur e de Fábio Zucchi Rodas, foram publicadas na Revista Melhore, na edição de abril de 2005



Fábio Zucchi Rodas assumiu o compromisso de manter as culturas da Fazenda Água Milagrosa

UM NOVO TEMPO NA PROPRIEDADE

Uma importante mudança na Fazenda Água Milagrosa e na raça Tabapuã ocorreu no momento em que Fábio Zucchi Rodas assumiu a gestão dos negócios, em 2005. O tempo era de transformação.

Ele olhou para a propriedade como um empreendedor, um empresário que tem gosto por desafio, uma pessoa que veio do campo e que ama a terra com todas as suas possibilidades, um gestor que sabe da importância de investir em melhorias dos processos internos, na qualidade e em tecnologia.

Detalhe: a *expertise* de Fábio era na área da citricultura, embora tivesse experiência com pecuária de corte no Mato Grosso do Sul. O desafio de começar em outro setor, o da genética, trouxe ânimo para se informar, estudar, conversar sobre o tema, buscar informações em vários campos e entender o negócio.

Ele colocou em prática várias mudanças importantes na propriedade, sobretudo na questão de infraestrutura, mas sem deixar de cumprir o que foi combinado, em um acordo de cavalheiros, quando fechou o negócio com os Ortenblad. Nenhuma cultura foi encerrada. Os investimentos foram diversificados.

Uma das primeiras ações foi melhorar o acesso à propriedade, o que facilitou tanto a locomoção dos colaboradores e dos fornecedores quanto dos clientes. Investiu em melhorias na sede e reformou todas as casas da colônia, o que aumentou a qualidade de vida dos moradores. Atualmente mais de 30 famílias residem na fazenda.

Fábio também ouviu os pedidos dos colonos e construiu uma das mais belas capelas no Noroeste paulista, com formato triangular, estrutura de

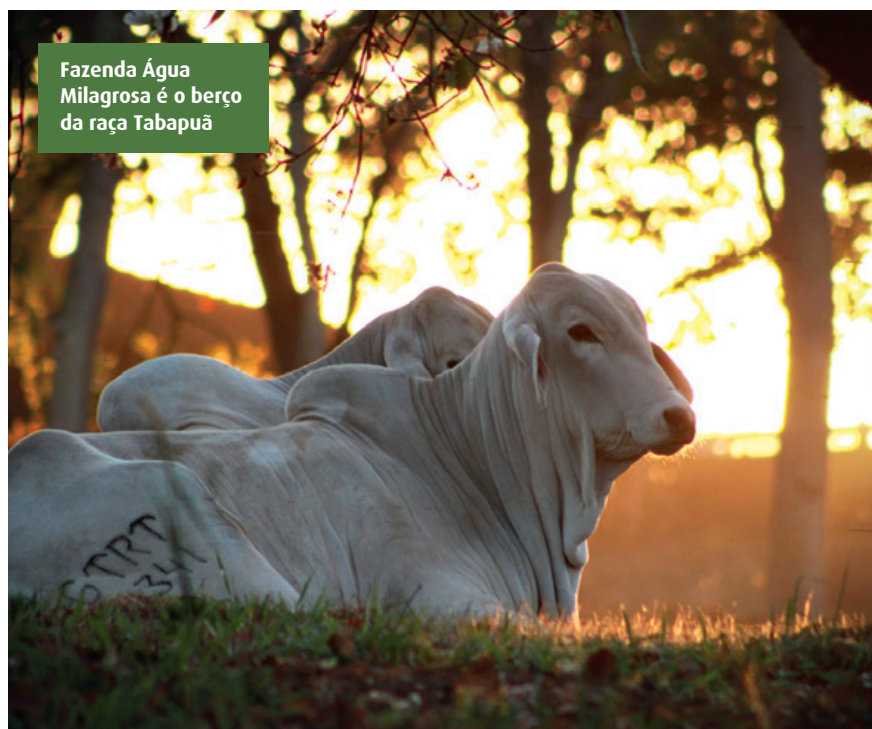
metal e de vidros. A igreja é dedicada a Nossa Senhora das Graças, santa de devoção de Rachel, uma das suas três filhas.

As mudanças também atingiram o gado Tabapuã. A produtividade aumentou de forma substancial.

O gerente pecuário da propriedade, Paulo Henrique Julião de Camargo, afirma que Fábio investiu nos melhores animais de raça, na melhoria do pasto e no reparo das cocheiras. “Ele disse para a gente: ‘vamos trabalhar apenas com as melhores vacas’. Sua proposta, desde o início, foi melhorar o que existia.”

Fábio trouxe para a Água Milagrosa seus colaboradores, manteve os profissionais que já atuavam na fazenda e contratou técnicos com representativa especialização, como agrônomos e zootecnistas. A formação dessa equipe forte agregou valor, com aumento da qualidade e da produção.

A Água Milagrosa passava por um novo período.





Casas da colônia
foram reformadas





**Empresário Fábio Rodas
investiu no melhoramento
da raça Tabapuã**







Gado Tabapuã é
uma raça brasileira





Animais recebem
tratamento especial
para se desenvolver



Fazenda Água Milagrosa conta com uma capela construída a pedido da colônia



Interior da capela, que é dedicada a Nossa Senhora das Graças



Entrada da fazenda na primavera



Gado Tabapuã é um animal dócil

TABAPUÃ VOLTA A SER DESTAQUE NACIONAL

As possibilidades comerciais, os diferenciais marcantes e as qualidades importantes do gado Tabapuã empolgaram Fábio Zucchi Rodas. Em um trabalho incansável realizado entre 2005 e 2007, o empresário não mediu esforços, juntamente com seus colaboradores, para recolocar a raça em destaque no cenário brasileiro. Ele foi, inclusive, diretor da ABCZ.

Os resultados foram alcançados graças a uma série de ações realizadas com precisão cirúrgica, maciço investimento, organização e planejamento. Já tinha em mãos um produto extraordinário, mas havia a necessidade de se desenvolver e mudar de patamar na pecuária nacional.

A infraestrutura da fazenda foi melhorada, o que também contribuiu nesse processo. O empresário foi além. Começou a divulgar os predicados do gado com produtores e potenciais criadores. Concedeu inúmeras entrevistas para disponibilizar informação qualificada e correta.

Outra atitude, de grande relevância, foi recolocar a Água Milagrosa nas grandes exposições nacionais de criadores, a partir de 2006. Elas são realizadas em várias partes do Brasil. Fazia cinco anos que a fazenda não participava de nenhum evento, que é importante para a saúde financeira do negócio.

A exposição funciona como uma espécie de salão, onde os melhores animais são divididos em categorias e apresentados aos produtores de todo o País, com seus históricos, dados essenciais, pesos e idades.

Também são promovidas disputas que servem como comparativo, ou seja, é possível saber onde estão as melhores vacas, touros e bezerros. Na hora da compra, o fazendeiro sabe qual lugar procurar.

Nesses encontros de produtores, são vendidos doses de sêmen para me-

lhoramento de outros rebanhos. Também existe uma modalidade onde o comprador adquire parte do touro e recebe uma participação financeira em sua produção genética.

Outra ação que fez a diferença ocorreu no dia 23 de abril de 2006, quando foi realizado o 1º Leilão Safra da Fazenda Água Milagrosa. O setor se movimentou, com a venda de 100 matrizes com alta performance, o que rendeu R\$ 2 milhões em negócios. No mesmo ano e em 2007, foram promovidos mais dois eventos, batizados como Matizes Milagrosas e Safra.

Em apenas um ano de participação em exposições e com o leilão, os resultados apareceram de forma substancial. É o que mostra o histórico. Os investimentos também atingiram outros setores fundamentais.

Atualmente, a propriedade de Tabapuã participa de seis ou sete exposições a cada ano, nos mais variados lugares do País. Marca presença marcante na ExpoZebu, em Uberaba (MG), o mais relevante evento do gênero.



Primeiro leilão realizado na Fazenda Água Milagrosa, em 2006



Gado Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa voltou a ser destaque em exposições agropecuárias



Fazenda Água Milagrosa vence os dois principais campeonatos em Dourados (MS)

GRANDIOSA SALA DE TROFÉUS

O gado Tabapuã produzido na Fazenda Água Milagrosa é destaque nas exposições agropecuárias realizadas em todo o Brasil. Assim que o animal é exposto, prontamente assume o protagonismo no evento, em razão de seu porte físico diferenciado e de todas as qualidades que carrega.

As duas salas de troféus que são mantidas na sede mostram a supremacia desse animal ao ser colocado em disputa com outros exemplares da mesma raça.

Desde 1963, o gado Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa conquista o reconhecimento dos julgadores Brasil afora.

Só podem participar desses eventos animais com até 36 meses de vida. São levados para a avaliação pública apenas os melhores.

As disputas envolvem bezerros, novilhas, vacas e touros. São divididos em categorias e competem com concorrentes bem parecidos.

Os principais campeões do país atualmente pertencem à Fazenda Água Milagrosa. São sempre laureados com troféus.

“ DESDE 1963, O GADO TABAPUÃ DA FAZENDA ÁGUA MILAGROSA CONQUISTA O RECONHECIMENTO DOS JULGADORES BRASIL AFORA ”



A sala de troféus fica no escritório da Fazenda Água Milagrosa



Primeira medalha conquistada pela Fazenda Água Milagrosa, na 1ª Exposição Agropecuária e Industrial de Novo Horizonte, em 1963



Desde 1963, foram obtidas taças em julgamentos realizados em todo o Brasil

PROVA DE GANHO DE PESO

A Fazenda Água Milagrosa investe, sistematicamente, em provas de ganho de peso com a raça Tabapuã. O expediente se repete pelo menos três vezes a cada ano.

A medida é uma ferramenta importante para identificar quais animais são geneticamente superiores, uma vez que os participantes possuem idades semelhantes e são submetidos aos mesmos fatores ambientais e de manejo.

Mais de mil indivíduos da propriedade já passaram por esse teste, que é realizado por técnicos credenciados da ABCZ. Ao final da prova, são emitidos certificados com os dados de cada participante. Os futuros compradores, sobretudo da área de corte, terão acesso às informações sobre os melhores exemplares do País.

A prova é realizada durante o período de 168 dias, com oito machos no mínimo. São realizadas três pesagens: entrada, inicial e final. Há pesagens intermediárias, a cada 28 dias, para eventual correção da ração usada.

Podem participar animais com idade entre 8 a 10 meses. Um destaque da Água Milagrosa, até 2017, é o touro Sibilino, que engordou pouco mais de um quilo e quinhentos gramas a cada dia.

Emir Antônio de Queiroz trabalha com a prova de ganho de peso para a ABCZ. Ele afirma que, ao final dos testes, o gado pode receber uma das quatro classificações: elite, superior, regular ou inferior.

“Fábio Zucchi Rodas investiu bastante no melhoramento e no aperfeiçoamento da raça, sempre com auxílio da ABCZ. A qualidade do rebanho da Fazenda Água Milagrosa melhorou bastante”, afirma Emir.



Animais são submetidos a três pesagens na prova de ganho de peso

“ A FAZENDA ÁGUA MILAGROSA INVESTE, SISTEMATICAMENTE, EM PROVAS DE GANHO DE PESO COM A RAÇA TABAPUÃ. O EXPEDIENTE SE REPETE PELO MENOS TRÊS VEZES A CADA ANO ”

MELHORAMENTO GENÉTICO

Um capítulo importante na história do gado Tabapuã começou a ser escrito em 2006. A partir de então, a fazenda investiu em fertilização in vitro (FIV), cujo objetivo é acelerar a produção de bovinos geneticamente superiores. O programa foi ampliado a partir de 2008.

A famosa técnica de melhoramento genético consiste na colocação, em ambiente laboratorial, de um número significativo de espermatozoides e de óvulos. Após período de incubação, os embriões se formam e são transferidos para as vacas receptoras.

A evolução genética é um dos principais fatores para o crescimento da pecuária bovina brasileira. É o que afirma a Embrapa, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. O melhoramento auxilia no fortalecimento de raças menos comerciais e também o aprimoramento de raças já introduzidas no mercado de carnes.

Na propriedade, os animais são usados apenas para o aperfeiçoamento, com um perfil mais vantajoso para o produtor e o consumidor. “As fêmeas têm elevados índices de habilidade materna. Aos 18 meses apresentam mais de 80% de fertilidade”, afirma o gerente pecuário da Água Milagrosa, Paulo Camargo.

A produção de sêmen de determinados touros é congelada, nas dependências da própria fazenda, para a realização de futuras inseminações. Existe um banco formado por material com altíssima qualidade. O período de reprodução do bovino começa aos 2 e segue até os 10 anos. Mesmo após sua morte, pode continuar a gerar descendentes.

Esses procedimentos são documentados, fiscalizados por órgãos competentes e promovidos de acordo com as normas da legislação que rege o setor.

Quando um animal é vendido, ele é entregue com registro de nasci-

mento completo (com nomes do pai e da mãe), certificado de prova de ganho de peso, exame andrológico e documentos da fertilização in vitro.

O gado Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa tem procedência.

Se for comercializado e não reproduzir, pode ser trocado por outro exemplar. A ética, a dedicação para melhorar a raça e o trabalho desenvolvido com seriedade pela Fazenda Água Milagrosa são marcas reconhecidas no mercado e reafirmadas pela gestão de Fábio Zucchi Rodas.



Material genético é guardado de forma adequada em seguros recipientes

UMA ESTRELA NO REBANHO

Uma estrela do rebanho da Fazenda Água Milagrosa é o touro Radiado (T-3506). O animal é um grande campeão na ExpoZebu de Uberaba (MG). Em 2014, levou o troféu na categoria Júnior e ganhou o título principal no ano seguinte.

Radiado FIV de Tabapuã nasceu no dia 21 de março de 2013. O FIV, o seu segundo nome, significa que foi um bebê de proveta, ou seja, gerado a partir de fertilização in vitro. Pesa 960 quilos e se destaca na reprodução.

Apenas no período de um ano, em 2015, Radiado forneceu 12 mil doses de sêmen para reprodução. O material genético já originou centenas de descendentes pelo Brasil. É um dos grandes expoentes da Fazenda Água Milagrosa, assim como Sauna, Mulfa, Recuca, Rami e Marco.

“ O TOURO RADIADO (T-3506) É UM GRANDE CAMPEÃO NA EXPOZEBU DE UBERABA (MG). EM 2014, LEVOU O TROFÉU NA CATEGORIA JÚNIOR E GANHOU O TÍTULO PRINCIPAL NO ANO SEGUINTE ”



O touro Radiado é um grande campeão



Sauna, Mulfa, Recuca, Rami e Marco também são estrelas da raça Tabapuã

PRESENTE E FUTURO

Grças ao pioneiro trabalho desenvolvido na Fazenda Água Milagrosa, o gado Tabapuã, uma raça tipicamente brasileira, conquistou o seu lugar no mercado, a admiração dos criadores e a simpatia dos empresários.

A Água Milagrosa não existe somente para manter um rebanho confinado na sede, pronto para venda. Sua função é nobre e fundamental para o crescimento da pecuária. É responsável por aperfeiçoar a espécie, com melhoramento genético.

Com a combinação de processos internos corretos, participação de experientes e qualificados profissionais e aprovação em testes promovidos por reconhecidas associações, o gado Tabapuã é preparado para aumentar a qualidade de outros rebanhos e também para corte.


O desenvolvimento do Tabapuã é realizado pelo Grupo Junqueira Rodas, responsável por sua gestão desde 2005, com importantes investimentos em tecnologia, pesquisas de vanguarda, outras formas de manejo e melhoria na alimentação e na infraestrutura.

A política é trabalhar, com afinco, para oferecer aos criadores um produto diferenciado, com origem comprovada. A busca pela excelência é contínua.

O excelente tratamento oferecido aos animais e as vantagens da raça colaboram para que a Fazenda Água Milagrosa conquiste inúmeros prêmios em exposições agropecuárias realizadas em todo o País.

A meta é para ampliar a raça e divulgar para todo o Brasil como ela pode fazer a diferença para o desenvolvimento da pecuária e da própria economia nacional.

O gado Tabapuã é uma das maiores conquistas da zootecnia brasileira. É uma raça de zebu adaptada à nossa cultura, à nossa realidade, ao nosso clima e às nossas características geográficas. É um verdadeiro patrimônio nacional.



Raça Tabapuã é uma importante conquista da zootecnia brasileira

“ O DESENVOLVIMENTO DO TABAPUÃ É REALIZADO PELO GRUPO JUNQUEIRA RODAS, RESPONSÁVEL POR SUA GESTÃO DESDE 2005, COM IMPORTANTES INVESTIMENTOS EM TECNOLOGIA, PESQUISAS DE VANGUARDA, OUTRAS FORMAS DE MANEJO E MELHORIA NA ALIMENTAÇÃO E NA INFRAESTRUTURA ”

A HISTÓRIA CONTINUA

A história do gado Tabapuã e da Fazenda Água Milagrosa não termina neste ponto. Continua ativa, segue viva, avança de forma vigorosa e se modifica a cada instante, com novas ações empreendedoras, investimento em pesquisa, tecnologia e inovação, abertura de novos campos e conquista de outros territórios.

Os próximos passos, tanto no presente quanto no futuro, serão efetuados com a segurança de quem sabe o que faz.

A obra foi escrita com objetivo de resguardar, com a devida deferência, as trajetórias da Fazenda Água Milagrosa, do gado Tabapuã e do Grupo Junqueira Rodas, desde a origem até os dias atuais. É um amplo documento, à medida que traz informações, datas marcantes e os nomes de pessoas que contribuíram.

A proposta foi elaborar a narrativa com texto diferenciado, sem a objetividade fria do *hard news*, mas com as sutilezas do jornalismo literário.

As fotografias ajudam a enriquecer o projeto, já que trazem ampla informação de determinado tempo, fato ou evento. Inúmeros instantes importantes estão eternizados em imagens e serão entendidos de variadas formas, a partir do olhar de cada um.

O livro é uma oportunidade única de viajar pelo passado, entender melhor o presente e vislumbrar o futuro. Os próximos capítulos estão em aberto, prontos para serem escritos. Você, cliente, colaborador, amigo, investidor ou parceiro, é a estrela dessa grande, inspiradora e contínua história.



“ A OBRA FOI ESCRITA COM OBJETIVO DE RESGUARDAR, COM A DEVIDA DEFERÊNCIA, AS TRAJETÓRIAS DA FAZENDA ÁGUA MILAGROSA, DO GADO TABAPUÃ E DO GRUPO JUNQUEIRA RODAS, DESDE A ORIGEM ATÉ OS DIAS ATUAIS ”

BIBLIOGRAFIA

‘O Môcho Tabapuã da Fazenda Água Milagrosa’,
de Alberto Ortenblad

‘Tabapuã - A Raça Brasileira’,
de Rinaldo dos Santos

‘Um problema de genética animal’,
de José da Costa Guerra

‘O Zebu – Sua Reprodução e Multiplicação Dirigida’,
de Octávio Domingues





Fazenda Água Milagrosa

Caixa Postal nº 23, CEP 15880-000, Tabapuã/SP.

Tel.: (17) 3562-1711/FAX: (17) 3562-1499

fazenda@aguamilagrosa.com.br

www.aguamilagrosa.com.br